

TEATROSAOLUIZ.PT

# SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

# ESTADO

# DÉSÍTIO

ENCENAÇÃO

EMMANUEL DEMARCY-MOTA

14 E 15  
JULHO

TEXTO

ALBERT CAMUS

PELA COMPANHIA THÉÂTRE  
DE LA VILLE - PARIS (FRANÇA)

2018



© JEAN LOUIS FERNANDEZ

INTEGRADO NO 35.º FESTIVAL DE ALMADA E NAS  
COMEMORAÇÕES DE PARIS-LISBOA 20 ANOS DO ACORDO DE AMIZADE



© JEAN LOUIS FERNANDEZ

## As forças da vida

*Emmanuel Demarcy-Mota*

“Sem dúvida que cada geração se sente moralmente obrigada a reformar o mundo; todavia, a minha sabe que não o reformará. Mas a sua missão poderá ser ainda maior, pois consiste em impedir que o mundo se destrua a si mesmo.”

*Albert Camus, discurso na entrega do Prémio Nobel da Literatura. 1957*

Tinha dezassete anos quando encenei *Calígula* com um grupo de colegas do liceu, convictos de que tínhamos de abordar a questão da liberdade e das suas ramificações existenciais. Aconteceu na sequência da morte de Malik Oussekine, vítima de violência policial durante manifestações estudantis em dezembro de 1986. Foi um momento importante na história do nosso grupo; ficámos indignados com aquilo que sucedera, com a posição intolerável da extrema direita e com a violência das brigadas motociclistas da polícia.

Foi um episódio totalmente inaceitável que inflamou o nosso sentido de indignação. Como estará então a situação agora, passados trinta anos? Com os ataques terroristas e o medo omnipresente, tivemos de parar para pensar e descobrir a nossa forma de reagir à situação atual. Lembrei-me de uma citação de Camus: “Alguns de nós têm uma visão pessimista do mundo a par de uma crença profundamente otimista na humanidade”. Senti a necessidade de regressar ao autor que tinha sido uma influência tão marcante na minha adolescência: *O Homem Revoltado*, *A Peste* e *O Mito de Sísifo* foram livros que tiveram um verdadeiro impacto em mim. Redescobri um homem que adorava o teatro, um homem que adorava palavras e ideias, que fazia a defesa da vida impelido pela revolta, uma revolta que conferia significado à vida, sem nunca provocar um comportamento agressivo para com os outros. Reli igualmente a peça *Estado de Sítio*, escrita em 1948, logo após os horrores da Segunda Guerra Mundial, após o pior dos exemplos da desumanidade do homem para com o homem. Tornou-se então evidente que teria de dar vida a esse texto, simultaneamente espantoso e universal, um texto que merece ser redescoberto e que nos incentiva, hoje, a estabelecer compromissos capazes de reavivar o otimismo.

“A Peste, que eu pretendia que fosse interpretada a uma série de níveis, tem todavia um conteúdo evidente sobre a resistência europeia ao nazismo.”

*Albert Camus*

Seria possível hoje, com toda a evidência, traçar paralelismos com o clima de medo a que assistimos em diferentes formas pelo mundo fora, com o desenvolvimento de movimentos extremistas tanto na Europa como noutros países e com a tentação de rejeitar todos os que sejam diferentes, de nos isolarmos em relação ao exterior.

O mundo da peça parece estar recostado à espera, passivamente, sem ter sonhos nem ideais; e, nesse mundo, o Governador, que se descreve a si mesmo como o “Rei da Imobilidade”, vê-se subitamente derrubado por uma personagem que diz chamar-se A Peste e pela sua Secretária que, uma vez no poder, instituem um sistema que poderá ser identificado como um regime ditatorial, com purgas, ameaças e proibições, com uma administração corrupta e kafkiana: um reino de terror e escravidão. A partir desse momento, através das deambulações de dois jovens namorados, Diego e Victoria, Romeu e Julieta dos dias de hoje, e através das ideias niilistas do Nada, a par das lutas verbais e da loucura da Peste e da Secretária, a peça suscita uma panóplia de temas de grande vigor: a luta pela defesa dos valores humanistas perante uma autoridade que triunfa recorrendo

ao terror; a incapacidade de certas pessoas de terem fé numa crença ou ideal, e a forma como isso poderá levá-las a aceitar e a caucionar o pior dos males; a autoridade (seja real ou simbólica) dos “pais”; a força do amor, para além da inexpugnável liberdade individual.

*Estado de Sítio* apresenta-nos uma obra dramática acabada, uma obra coral que envolve a trupe e se debruça sobre o espaço e o movimento. Eis uma escrita que é realista ao mostrar o surgimento de uma ditadura política, sem dispensar um toque de fantasia ao retratar a sociedade. Eis uma peça que é também um mundo, e é para mim uma grande satisfação trabalhar este texto com a companhia de teatro que me tem acompanhado ao longo de tantos anos, pugnando através dela por reafirmar a nossa aspiração a uma busca conjunta com vista a encontrar, através da força da arte, um território partilhado, um território poético. Pois instiga-nos atualmente uma pergunta que todos fazemos: que papel poderá desempenhar a arte diante de perigos horrendos como os que estamos a viver? E a resposta a essa pergunta que gostaríamos de propor é que a arte poderá ajudar-nos a duvidar em conjunto, a questionar a certeza, a convicção e a convenção, a questionar o preconceito, e poderá ajudar ao avanço de ideias no sentido da verdade e não da treva, confrontando o destino da morte e exaltando a força da vida.



# ESTADO DE SÍTIO

ALBERT CAMUS  
ENCENAÇÃO  
EMMANUEL DEMARCY-MOTA

INTEGRADO NO FESTIVAL DE ALMADA  
E NAS COMEMORAÇÕES DE  
PARIS-LISBOA 20 ANOS DO  
ACORDO DE AMIZADE

14 e 15 julho 2018  
Sábado, 21h; domingo, 17h30

Sala Luis Miguel Cintra  
m/14

€12 a €15 (com descontos €5 a €10,50)

Duração: 1h45

Falado em português e francês  
com legendas em português

Texto: Albert Camus; Encenação: Emmanuel Demarcy-Mota; Assistente de encenação: Christophe Lemaire; Cenografia: Yves Collet; Luzes: Yves Collet & Christophe Lemaire; Figurinos: Fanny Brouste; Som: David Lesser; Imagem: Mike Guermyet; Máscaras: Anne Leray; Caracterização: Catherine Nicolas; Colaboração artística: François Regnault; Assistente de luz: Thomas Falinower; Segundo assistente de encenação: Julie Peigné; Elenco da Companhia do Théâtre de la Ville – Paris: Serge Maggiani, Hugues Quester, Alain Libolt, Valérie Dashwood, Jackee Toto, Hannah Levin Seiderman, Jauris Casanova, Philippe Demarle, Sandra Faure, Sarah Karbasnikoff, Gérald Maillet, Walter N’Guyen, Pascal Vuillemot

**Produção: Théâtre de la Ville – Paris (França)**

**Coprodução: Théâtre de la Ville de Luxembourg – Théâtre National de Bretagne-Rennes, BAM (Brooklyn Academy of Music-New York); com o apoio artístico de Jeune Théâtre National**

**O Bilhete Suspenso nunca esgota. Saiba mais em [bilheteira@teatrosaoluz.pt](mailto:bilheteira@teatrosaoluz.pt)/ 213 257 650**

São Luiz Teatro Municipal Direção artística Aida Tavares; Direção executiva Joaquim René; Programação Mais Novos Susana Duarte; Adjunta direção executiva Margarida Pacheco; Secretária de direção: Soraia Amarelinho; Direção de produção Tiza Gonçalves (Diretora), Andreia Luís, Bruno Reis, Margarida Sousa Dias; Direção técnica Hernâni Saúde (Diretor), João Nunes (Adjunto); Iluminação Carlos Tiago, Ricardo Campos, Sara Garrinhas, Sérgio Joaquim; Maquinistas António Palma, Cláudio Ramos, Paulo Mira, Vasco Ferreira; Som João Caldeira, Gonçalo Sousa, Nuno Saias, Rui Lopes; Responsável de manutenção e segurança Ricardo Joaquim; Direção de cena Marta Pedroso (coordenadora), José Calixto, Maria Távora, Ana Cristina Lucas (Assistente); Direção de comunicação Elsa Barão (Diretora), Gabriela Lourenço, Nuno Santos; Relação com públicos Mais Novos Inês Almeida; Bilheteira Ana Ferreira, Cristina Santos, Renato Botão